

*Pera, Uva,
Maçã ou Salada Mista?*

O *bzzz* acorda o quarto silencioso. A mensagem de Pipa desliza pela tela:

Bia kd você?

No escuro, olho para o halo luminoso que rodeia a luz do poste enquanto escuto as gotas de chuva estalarem no vidro como lantejoulas douradas. Desanimada, ergo o celular e digito:

Quase dormindo.

Pipa:

????

Há anos, minha animação está condicionada ao som do bar na esquina, ao burburinho das pessoas e às risadas dos veranistas — sons que sempre compuseram a trilha sonora da primeira quinzena de janeiro. Agora que a temporada acabou, só ouço a chuva e o mar batendo na areia. *A marcha fúnebre do resto do ano.*

Venha para cá AGORA.

Apoio o corpo sobre o cotovelo, e a luz azul da tela ilumina o quarto:

Está chovendo, Pipa.

Por que diabos Pipa resolveu organizar um luau justo hoje? Não me pareceu ofensivo negar, já que luaus em dias de chuva quase nunca dão certo.

Está tudo fechado desse lado da praia.

Aguardo sua mensagem de voz baixar.

Quando aperto o *play*, a voz de Pipa ecoa pela casa silenciosa:

*Bia, levanta esse traseiro da cama e vem para cá agora! E isso é uma ordem.
Você não faz ideia de quem está aqui.*

Meus dedos digitam em velocidade pouco natural:

Quem?

A resposta dela não muda apenas o curso da noite, mas também o da minha vida inteira:

O verão de 2014 está de volta ☺

Eu aguardo uma resposta, não um terremoto — por que o corpo sente isso, a terra tremer. No coração acende uma fagulha adormecida há meses.

Salto da cama e visto um vestido qualquer. Calço as sandálias e dou uma última olhada no espelho do banheiro. Os cabelos compridos e ligeiramente maltratados pelo verão clareiam sob a luz amarela, e a vermelhidão que ondula sobre o meu nariz cheio de sardas prova que o sol marcou presença na temporada. Passo gloss. Fui.

Corro pelas ruas silenciosas, ouvindo o barulho da sandália respingando a água das poças. O coração esmurra enlouquecido as paredes do peito.

Durante toda uma temporada, meu coração foi como aquelas varetas de aniversário que soltam faíscas e nunca se apagam: rojões aprisionados em uma jarra de vidro. Essa luz iluminou meus dias e clareou minhas noites, queimando durante todo o ano à espera do retorno *dele*.

Mas as férias vieram, e Alex não apareceu.

Embaçadas na visão periférica, vão ficando para trás fileiras inteiras de casas escuras e silenciosas, agora que os veranistas voltaram para casa. Uma pizzaria cujo letreiro perdeu o *P*, a sorveteria que fechou para abrir em outro lugar. Acima de mim, um semáforo pisca, desativado. A cidade me lembra a lenda daquela donzela que acorda apenas quando recebe, uma vez por ano, o beijo do sol.

Chego à pensão de Pipa minutos depois. Meu coração é um canteiro de obras, agitado e caótico. No quintal do casarão, meninos e meninas se reúnem ao redor de uma fogueira que crepita alta.

O cheiro é de fumaça, grama e areia úmida. Dou um passo tímido em direção ao grupo, enquanto arrumo o cabelo atrás da orelha. A sandália molhada range contra a sola.

Não sei nem se o nome dele é *Alexandre*.

Talvez seja Alexis ou Alexandro. Não sei se é rico ou pobre, se tira notas altas na escola ou o que quer ser quando crescer. Minha paixão por ele é daquelas que deixam os adultos curiosos, sem entender o que queima tão vivo dentro do peito. *Nada é igual depois que crescemos, Bia, diz minha mãe. Mais tarde, queremos saber exatamente sobre essas coisas que não importam agora: sobrenome, status, se é amor-furado ou amor-vestimento.*

Só quem fica para trás sabe da solidão quando os amores se vão. O mundo girou para os outros, mas para mim ele parou de se mover.

Mais um passo e eu o vejo.

O garoto que me apresentou à paixão que parecia ter energia para queimar para sempre. Intensa e incandescente, como as próprias estrelas.

Alex. Um anjo loiro que viveu um número infinito de histórias de amor em meus sonhos. Comigo ele foi soldado, príncipe, ator, músico, ladrão. O garoto deitado ao meu lado na praia.

Pipa me recebe com um abraço. Sobre seus ombros, vejo os olhos de Alex encontrarem os meus.

— O que ele está fazendo aqui? — cochicho no ouvido dela.

— Não sei.

— Por que agora e não durante o verão?

— Que sorte que ele está logo ali para responder.

Tento me soltar, mas ela não me larga.

— Espera. Não deu tempo de te contar, mas tem *mais alguém* aqui.

Antes que ela me solte de vez, sei quem está ali.

É estranho que Pipa não precise falar muito para me dizer tudo. *Verão de 2014* é autoexplicativo, uma memória luminosa e fascinante. *Mais alguém*, por outro lado, me causa arrepios. Lembra olhos perfurantes, sorrisos endiabrados e um beijo roubado anos atrás.

Eric, o garoto que aterrorizou a minha infância e me bota medo até hoje.

Quando Pipa me solta, Alex já se virou para o outro lado. Afasto o cabelo do rosto e abraço as amigas que me recebem na grama.

Alex se ajoelha em frente à fogueira, mexendo nas toras que se ajustam soltando faíscas. E, de repente, como se acionado pelas centelhas, meu coração volta a ser a entidade incandescente de janeiro passado.

Todos aguardam aquele reencontro. Fui a garota invejada por todas naquele verão. A que viveu um sonho e guardou histórias que enfeitaram uma vida sem cor durante todo o ano.

É esquisito pensar nisso mais tarde, quando parece tão simples dizer *oi*, mas não tenho coragem de me aproximar. Sei que esse medo vai desaparecer com o

tempo, mas agora, me aproximar de garotos parece tão desafiador quanto escalar o Everest. Sou a menina que ainda não aprendeu a tomar essa decisão.

Alex se levanta e limpa as mãos na calça. Sua figura se destaca nítida contra o contorno difuso do fundo, incrivelmente bonita em contraste com os pontos de luz fora de foco. *Efeito Alex.*

Sento-me na cadeira de praia. Pipa se espreguiça ao meu lado, estalando as costas como quem não quer nada.

— Alex? — ela o chama.

Seu nome chama a atenção de outro par de olhos. Olhos escuros e sempre atentos, que me seguem em silêncio aonde quer que eu vá. Tento me concentrar em Alex, mas Eric rouba minha atenção. Enquanto Alex evoca a imagem do sol, Eric me lembra o oposto: luas minguando em meio a céus escuros.

O dedo de Pipa se curva em direção a Alex, e ele se aproxima.

— Senta aí — ela diz.

Ela se afasta a tempo de perder a vermelhidão que toma nossas bochechas.

Alex se senta, sem jeito.

— Oi — diz, com um sorriso tímido.

— Oi — eu o cumprimento de novo um ano e um mês depois.

Ambos olhamos para frente, duros de vergonha. A cumplicidade que tínhamos no final de janeiro passado e parecia tão *certa* já não está ali; parece ter se dissipado no tempo e no espaço. Eu me pergunto para onde vão essas coisas que parecem tão reais. Se ficam pairando por aí, como sementes de dente-de-leão.

— Quanto tempo. — Arrisco um sorriso.

— Eu sei — ele responde. — Como foi seu ano?

Seu sorriso continua o mesmo, um rasgo de luz no meio do rosto dos sonhos.

— Foi bom.

— Passou direto de ano?

— Passei. E você?

— Também.

Mais silêncio.

Aguardo que ele fale primeiro *senti sua falta*. A frase fica rolando na minha língua, querendo sair, mas não sai. É tão mais fácil dizer *eu também*.

Diga, Alex. Fale que sentiu metade da falta que senti de você.

Mas Alex não diz nada. Continua a brincar com o cadarço do tênis, tão distante quanto outra galáxia.

— Você vai ficar por aqui? — pergunta.

Balanço a cabeça que sim. Ele se levanta e olha ao redor.

— Vou pegar algo para beber e já volto.

— Tá bom.

Olho-o se afastar, sumindo na casa, e algo pastoso se remexe no meu estômago. Uma sensação pesada e oleosa que me faz ficar enjoada.

Pipa às vezes me observa e acena, estranhando que Alex não está mais do meu lado. Eu não o procuro ao redor; tento apenas acalmar a respiração. *Calma, Bia.*

Mais adiante, me observando com um copo na mão, está Eric. Olho para o outro lado, constrangida.

Se fôssemos mais novos, ele provavelmente estaria rindo de mim, pronto para soltar algum comentário afiado. Nunca errou uma observação, o danado. Não é

normal que garotos rebeldes saibam tanto sobre o que se passa em nós, garotas que não têm nada a ver com garotos rebeldes. Eles deveriam, aliás, ignorar bobas como eu.

Pipa deixa a amiga com quem estava conversando e vem até mim.

— Onde está Alex?

— Ele disse que ia buscar uma bebida.

Seu dedo cutuca o meio da minha testa:

— E por que você está com esse risco entre as sobrancelhas?

— Não é nada.

Não quero transformar o que estou sentindo em palavras. Sei que elas estão ali, rodopiando ao redor, esperando pacientemente para dar nome ao que estou sentindo, mas, neste instante, não consigo agir — só assistir a algo desmoronar devagarinho dentro de mim. Como um castelo de areia, lindo e frágil, que é engolido por uma onda alta.

— Quer que eu pegue uma bebida para você? — Pipa pergunta, acrescentando: — Ou Alex está trazendo?

Balanço a cabeça que não, olhando para minhas sandálias surradas. *Ele nem chegou a perguntar o que eu queria.*

— Estou bem. Não quero nada.

Pipa caminha até a cozinha, enquanto continuo a encarar a fogueira, sem conseguir afastar a suspeita.

Meia hora depois, Alex ainda não voltou.

— Ele foi embora? — Pipa pergunta ao retornar, olhando ao redor.

A essa altura, sei que Alex não vai voltar. Não precisei de trinta minutos para entender que minha perturbação era, na verdade, um pressentimento. Minha mente, afogada em lembranças, não viu o que meu coração entendeu na hora.

— Mas como isso é possível? O que ele viria fazer aqui senão ver você?

Agora que Pipa diz isso, penso em como nunca peguei o telefone de Alex ou o encontrei na internet. Como passei um ano inteiro buscando uma miragem.

— Isso está muito estranho — Pipa diz, marchando de volta em direção à casa.

Vou atrás dela.

Ela coloca as mãos no balcão da cozinha e pergunta aos rapazes ao redor do isopor: — Onde está o garoto loiro que chegou aqui há pouco?

Os três olham para nós como se não tivessem entendido.

— Quem?

Pipa rosna algo e observa a turma ao redor da fogueira. Então conta as cabeças e estreita os olhos.

Em seguida, dispara para dentro da pensão, onde ficam os quartos. Eu a sigo.

— O que foi, Pipa?

— Isso não está certo — ela repete, balançando a cabeça como se visse algo que eu ainda não enxergo.

— Deixe isso pra lá, Pipa.

Mas Pipa não desiste. — Alex não foi embora, a mochila dele ainda está ali!
— Ela aponta para um canto.

Olho para a mochila e, em seguida, para a pensão vazia. Abraço o corpo com meus próprios braços, por falta de outro suporte.

Lembro, sei lá por que, que as estrelas mais quentes são aquelas que morrem mais cedo.

— Se ele não está com você, com quem...

Pipa entende tudo no mesmo instante que eu.

Andamos pelo corredor, abrindo portas e espiando nos cômodos escuros.

Banheiro: vazio.

Roupeiro: vazio.

Escritório: vazio.

Finalmente chegamos aos quartos. Pipa gira a maçaneta, mas a porta não abre.

Por um tempo, ela permanece assim, com as mãos no metal frio. Quanto a mim, travo a mandíbula com tanta força que mal percebo que mordo meus lábios. Sinto a dor aguda, seguida do gosto de ferro, e levo a mão ao machucado. A dor da mordida não se compara à que se espalha por mim.

— Não precisa chamar — murmuro. Sei bem quem está ali.

Não preciso ver a realidade para senti-la; o mundo sempre colidiu muito bem contra a minha pele. Não me interessa com quem Alex está, só o fato de que escolheu não estar comigo.

Embora tenha pedido para deixar isso para lá, Pipa faz o contrário. Ela mexe na maçaneta tantas vezes que parece estar tentando quebrá-la.

Lá dentro, uma voz conhecida responde:

— Pipa?

Solto o ar, sem notar que estava segurando-o nos pulmões.

Pipa encosta a testa na porta, sem acreditar.

— Laura?

— Er... estamos... estou trocando de roupa. Espere um pouco.

— Você tá sozinha?

Alguns segundos depois, a resposta vem:

— Não.

Pipa olha para mim. *Sinto muito*, ela murmura.

Laura — minha-amiga-de-infância-Laura — não está sozinha naquele quarto, e não preciso que ela me diga quem está ao seu lado para saber.

Por mais incrível que pareça, Pipa está mais chateada do que eu. Eu, por mais estranho que pareça, não consigo sentir nada. Estou em choque, aguardando que algo em mim se mova e faça minhas pernas se afastarem dali.

— Por que, Laura? — Pipa pergunta do outro lado da porta.

Se Laura responde, não fico para ouvir.

Corro pelo quintal, atravesso o portão e cruzo a rua sem prestar atenção em nada. Meus olhos marejados borram a paisagem. Meus pés afundam na areia úmida e fria da praia. À frente, o mar escuro se desfaz em ondas brancas.

As barracas que fervilharam de gente durante a temporada estão vazias. Desabo no chão de cimento ao lado de cadeiras fechadas e cartazes de cerveja desbotados. As lágrimas escorrem pelo rosto como um fio de gel. Às vezes, enxugo-as com as costas das mãos; outras vezes, deixo que pinguem.

Não sei quanto tempo fico ali. Fico até que o vento se torne insuportável e eu reúna coragem para encarar meu quarto e a realidade. Assim que coloco as mãos no chão para me levantar, avisto a brasa de um cigarro na periferia da visão.

Quase perco o equilíbrio.

— Eric?

Passo as costas das mãos sob os olhos para limpar as lágrimas, mortificada por ter sido pega chorando. Eric não se move. Não fala, não se desculpa. Apenas me observa entre a fumaça, sentado sobre uma mureta, os olhos atentos e calmos.

— Você poderia ter avisado que estava aqui — digo, tentando acalmar as mãos que ainda tremem do susto.

Ele abaixa o cigarro e o bate dentro do maço vazio. Sua calma é o oposto da tempestade que se agita em mim.

— Não vai dizer nada? — pergunto, irritada.

Seu olhar congela meus ossos.

Bato a areia do vestido e tento limpar afobadamente o excesso de areia da sandália.

— Não deveria fumar, sabia? Faz mal à saúde — resmungo. Dizer aquilo é a única forma que encontro de me vingar da cena que presenciei. *Brilhante, Bia.*

— Eu sei.

Não faço ideia por que me assusto ao ouvir sua voz. Não me lembro exatamente quando foi a última vez que a ouvi — talvez anos atrás —, mas não tinha ideia de que ela tinha ficado tão grave e suave. Uma suavidade que destoa tanto da grosseria que esperava que, por um momento, fico sem reação.

Ele dá mais um trago no cigarro, descansando a mão sobre a calça jeans rasgada no joelho. O que está pensando, eu não sei, mas meu constrangimento é uma mensagem involuntária: *seja lá no que ele estiver pensando, devo me importar. Do contrário, por que me constrangeria?*

— Se sabe que cigarro faz mal, por que fuma, então?

— Porque é bom.

— Mas faz mal.

— Viver no mundo da lua também faz mal, e você vive indo para lá.

Fungo, fingidamente aliviada.

— Já estava começando a achar que não era você. Mas agora que foi malvado, te reconheci. E para sua informação, não *vivo* no mundo da lua.

Ele não diz nada, e isso me irrita ainda mais do que se tivesse dito alguma coisa.

— Essa é uma comparação ridícula. Eu não vivo no mundo da lua; eu... sonho — comento.

— Por quê?

— Porque sonhar é bom, oras.

— Fumar também é.

— Sonhar não mata.

Seus olhos brilham como as asas de um besouro, como se perguntassem: *não?*

Eric é o cara que vê tudo, percebe tudo, sabe tudo — e usa tudo que vê, percebe ou sabe para me atormentar.

— Olha, se você está tentando me machucar, poupe sua energia. Já conseguiram fazer isso muito bem hoje.

Dou meia volta, mas antes que eu deixe o local, ouço atrás de mim:

— Eles estão juntos desde o verão passado.

Paro no lugar. Meu coração vira do avesso. Não pergunto como ele sabe disso, como sabe que Alex está com Laura no quarto, ou como sabe que estou chorando por causa disso. Viro-me para ele, vendo-o apagar o cigarro.

— Você é o quê, um detetive?

Pela primeira vez, Eric sorri. Seu sorriso é como encontrar algo raro em um lugar improvável. Sorrindo, ele fica menos sombrio, e isso o deixa...*bonito*?

Volto um passo para trás.

— Como sabe disso?

— A pergunta é: como *você* não sabe?

— Eu perguntei primeiro.

— Eu observo, Bia. É isso que quem sonha pouco faz. Vemos melhor as coisas quando não estamos no mundo da lua.

Faço uma careta antipática para ele. Toda a raiva acumulada por anos de comentários cortantes — como aquele — se junta à raiva de ter visto o garoto com quem sonhei durante um ano inteiro com minha amiga.

— Por que você não me deixa em paz, Eric? Por que tem sempre um comentário para fazer? Vai, fala. O que eu te fiz?

Não sou uma adolescente que implica com os outros. Se não simpatizo com alguém, guardo a opinião para mim. Tudo que faço é mergulhar em livros durante os recreios e estudar para um vestibular que se aproxima como um trem-bala.

— Você nunca me fez nada — ele diz, amassando o maço de cigarro com as mãos.

— Então por que me atormenta tanto?

Está ventando, e eu luto contra o cabelo que invade a visão. Com ele vem também o borrião de chuva. Um tempo horrível para uma noite péssima.

Ele ergue os olhos e um calafrio percorre meus braços.

— Quer mesmo saber?

Quero, penso. Mas respondo:

— Não.

Dou meia volta novamente e caminho em direção à rua, abraçando o corpo e me curvando para evitar o chuvisco. Bem longe da superfície, quase no leito da alma, quero que ele me chame de volta. Quero entender por que ele está sempre implicando comigo e por que me chateia tanto.

Por que burlou as regras de um jogo anos atrás e me roubou um beijo, e depois se afastou.

Mas Eric não me chama. Que droga. Não quero voltar para casa. Giro nos calcanhares e retorno, irritada. Marcho até ele, que continua sentado as pernas cruzadas na altura do tornozelo.

— Eu quero saber.

O olhar dele vaza pelas mechas de cabelo que caem sobre o seu rosto.

— Só se você se sentar.

— Aqui? — pergunto. — Com você?

— Eu não mordo.

Pelo jeito como seus olhos reluzem, não acredito muito.

Olho para o local que ele indica. Para as pernas longas cruzadas que cedem algum espaço seco à sua frente e para o peito largo para a idade, o que sempre me causou medo.

Eu me sento na mureta ao lado dele.

— Vou te contar por que te atormento, mas preciso que você me responda uma coisa antes.

— Que coisa?

Ele faz uma pausa, sem desviar o olhar.

— O que alguém como você viu em um cara como aquele?

Um cara lindo e perfeito como aquele, penso, mas não falo. Abraço o joelho, sentindo a tristeza voltar. Curiosamente, não é mais uma tristeza aguda, mas uma desilusão vaga e levemente desbotada.

— Não sei. Acho que foi *janeiro*.

Ele espera que eu me explique.

— Janeiro chega com expectativas demais. Sol, férias, dias livres contados. É a época em que a cidade muda, que nossas vidas mudam. Quando conheci Alex, achei que precisava viver doze meses em um.

Eric arrasta o *All-Star* rabiscado no cimento, concentrado em remover um chiclete agarrado na superfície.

— Ele não merece você.

— Ele merece alguém *melhor*, você quer dizer?

— Está vendo? — Eric diz como se tivesse provado uma teoria. — Se você fosse mais conectada à realidade, perceberia que ele é *bem menos* do que você acha.

Quero pedir que pare, que não fale assim, mas tento ver a situação por outro ângulo. Talvez eu tenha sonhado demais, realmente. Esperado demais de quem não tinha prometido nada.

É estranho que Eric me faça ver isso.

— Sério que eles estavam juntos desde o verão passado?

Ele assente silenciosamente que sim.

Exalo, sem saber como me sentir. Eu deveria estar chorando, mas não quero chorar. Deveria estar com raiva, mas não estou.

Apoio as mãos atrás do corpo e balanço as pernas, satisfeita com o novo leque de sentimentos que se abre dentro de mim. Ao esticar a perna direita, o pino de platina preso no meu joelho me causa dor.

— O que foi? É seu joelho? — ele pergunta.

— É.

Eric parece preocupado. — Prefere se sentar em uma cadeira? Acho que consigo tirar uma da pilha.

— Tá tudo bem. É que há dois anos quebrei a perna e tive que colocar...

Paro a explicação, observando-o por um segundo. *Como ele sabe sobre o meu joelho?*

— Você sabe sobre o meu machucado?

Ele volta a se encostar na pilastra. Seus olhos são de novo um palco vazio.

— Como você sabe? — repito.

— Que você quebrou a perna no primeiro ano?

Faço que sim. Isso foi há tanto tempo que talvez nem Pipa se lembre mais.

— Eu presto atenção em você.

Sua resposta vem assim, sem rodeios.

Imediatamente, sinto uma efervescência sob a pele, como se meu sangue estivesse chiando.

— Presta?

Olho para Eric como se o visse pela primeira vez. Os olhos profundos, a boca bem desenhada, a voz grossa e suave.

Quase não consigo fazer a minha sair da garganta: — Por quê?

Ele ri.

— Por quê? Por causa disso, eu acho. Você não faz ideia do que acontece ao seu redor. Nem do quanto é — O olhar dele para na minha boca. — ...especial.

Arregalo os olhos. Definitivamente, quando comecei a conversar com ele minutos atrás, não esperava receber um elogio.

Antes que eu pudesse perguntar mais sobre isso, ele continua: — Também não tenho ideia de quando tudo começou.

Quebro o contato visual, com medo de que aquilo nos leve a algum lugar. Olho para a praia, engolindo a saliva, lembrando da vez na oitava série em que decidi dormir de trança para acordar com o cabelo frisado. Não sei bem qual era a graça de acordar daquela maneira, mas lembro que, ao sair de casa, no dia seguinte, me deparei com Alex.

Lembro, aborrecida, da gargalhada que ele deu na frente do meu portão. Humilhada, bati a porta na sua cara e jurei que nunca mais falaria com ele. Durante meses, trocava de calçada sempre que Alex aparecia na rua.

Nunca perguntei a ele o que estava fazendo no meu portão naquele dia.

Ele tira uma bala do bolso e ouço o som do papel de metal ao ser desembulhado.

— Quer? — ele pergunta, percebendo que eu o observo com o canto do olho.

— Quero.

Ele me estende outra. Enquanto desembulho o doce, percebo que ele observa meus ombros e braços. Imagino o que pode estar pensando sobre mim.

Enquanto enfio a bala na boca, outra memória surge.

— Você se lembra da vez em que fomos assistir a um filme na casa de Pipa?
— pergunto, falando de forma engraçada por causa da bala.

Ele faz que sim: — Você e eu nos sentamos juntos.

— Lembra que filme era?

— Sexta-Feira 13... *ad Infinitum*?

Eu rio. — Esse mesmo.

Naquele tempo, eu já tinha antipatia por ele. O filme era de terror e todas as luzes estavam apagadas. Uma turma de dez ou onze meninos e meninas estava espalhada pela sala; alguns no chão, outros sentados na frente da TV.

Pipa, eu e Eric estávamos no sofá.

Sim, Eric e eu, um ao lado do outro.

Fiquei consciente daquela proximidade durante o filme inteiro, encolhida entre os dois, sem conseguir me levantar e escolher outro lugar. Lembro do perfume dele, algo que remetia a banho morno e sabonete. O tempo todo senti o braço dele contra o meu, incomodada com a perna colada à sua.

Pipa pulava sobre mim toda vez que ouvia "*Tem alguém aí?*"

Eu, por outro lado, não tinha para onde fugir.

Em algum momento, imersa na carnificina, agarrei o braço de Erik.

— Você me tocou — Eric diz, como se lesse minhas memórias em voz alta.

— Você está sendo legal. Eu cravei todas as unhas no seu braço.

Seu sorriso é mesmo uma lua minguante contra o rosto na penumbra. — Sim, você cravou.

— Pedi mil vezes desculpas, vermelha como um pimentão. Você se lembra do que fez em seguida?

Seu olhar se afia de leve.

— Eu passei o braço ao seu redor.

Meu estômago revira, frio, como se abrigasse dezenas de pedras de gelo ali dentro.

— Lembra do que me disse na ocasião?

Ele faz que sim. Nos olhamos por algum tempo, sem saber quem vai dizer a frase primeiro.

Eric tem uma capacidade infinitamente maior que a minha de fazer silêncio.

Solto a frase em voz alta, embora ela chegue à praia vazia mais como um sussurro: — “*Estou aqui*”, você falou no meu ouvido.

Ela não concorda nem discorda.

Arrasto as mãos pelos braços, tentando acalmar os pelinhos em *pé*. *Onde deixei essa lembrança e por que a armazenei tão longe da consciência?*

— Você pensou que eu estava sendo implicante.

— É, eu achei.

Consigno vê-lo revisitar dezenas de interações ao longo dos anos, memórias que remontam até o maternal. É curioso como conhecemos algumas pessoas a vida inteira e nunca as notamos de fato. Como pode uma parte da nossa vida permanecer invisível? Como certas pessoas podem ser, ao mesmo tempo, intoleráveis e igualmente atraentes?

Eric sempre esteve a um toque de distância, mas eu nunca o enxerguei. Um figurante das minhas histórias. Alguém sempre na periferia da visão.

— Se não era implicância, o que era? — minha voz sai falhada.

Ele não responde.

Volto a mexer na sandália, achando estranho que tenha vontade de sorrir. Meu coração está dando vexame outra vez.

— Por que nunca disse nada?

— Você tinha medo de mim.

Tento manter a calma, mas no meu tom há uma nota aguda de justificativa: — Você era malvado às vezes.

A resposta dele também é uma justificativa: — Você nunca olhou para mim.

É verdade, eu nunca olhei. Pelo menos, não direito.

— Isso explica aquela noite no prédio de Laura.

A noite em que um grupo de cinco meninas e cinco meninos resolveu interromper o pique-esconde para brincar de salada-mista. Oito de um lado lutando por espaço nos balanços e gangorras, dois à frente de todos.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — Pipa disse em voz alta, as mãos na frente dos meus olhos enquanto escolhia a vítima.

Quando o menino não era do nosso interesse, ela não mexia os dedos. Quando era, pressionava discretamente, e eu sabia exatamente o que pedir.

Garotos desinteressantes sempre eram escolhidos como pera ou uva — um aperto de mão ou um abraço. Os interessantes, por outro lado, levavam maçã — um beijo no rosto — ou salada mista — um beijinho na boca.

É claro que alguém como Eric perceberia o truque.

Na segunda rodada, vendo que eu tinha escolhido pera na vez dele, ele quebrou o esquema e colou os lábios nos meus.

Foi aquela gritaria, do tipo que só pré-adolescentes conseguem fazer.

Por dias, coloquei as mãos na boca, sem acreditar na ousadia daquele garoto.

Eric cruza os braços, divertido.

— É, acho que explica — ele responde.

— Você arruinou a noite.

— Eu ganhei a minha.

Sorrio. Gosto — e muito — do que ele acaba de dizer, e ele parece tirar enorme prazer do meu sorriso.

A noite, antes sem luz, agora parece estranhamente mais clara.

Eric olha para o mar e a vastidão acima dele, onde nuvens escondem a lua. Já não estamos tão sérios; a lembrança da algazarra no prédio nos eleva a outro nível. Agora somos cúmplices. Talvez algo mais.

— Por que essa noite? — pergunto. Mil outros verões poderiam se passar, e Eric teria continuado distante. Longe da visão.

— Você finalmente me parece real. — Ou seja, não mais cheia de ilusões, sonhos platônicos ou perda em devaneios. Apenas ali, na praia, observando a vida como ela é. — *Você está aqui.*

É, eu me *sinto* aqui. Não mais ouvindo marchas fúnebres, e sim me abrindo para outros sons. Ainda moradora de uma cidade vazia, mas que nem de longe adormece quando os visitantes vão embora.

— Obrigada, então.

— Pelo quê?

— Por ter me ajudado a ver.

— Ver o quê? — ele pergunta, desviando o olhar — O que eu sinto por você?

Algo se acende dentro de mim, como um palito de fósforo correndo por uma lixa.

— E por me fazer perceber o que eu estava perdendo.

Por um tempo, ficamos assim, em silêncio.

Não é mais a traição de Laura ou a ilusão em relação a Alex que ocupa meus pensamentos, nem os meses silenciosos e tranquilos que estão por vir. É interessante como os músculos, os pelos e o coração entendem muito antes o que a mente demora para alcançar.

Sorriso sozinha.

Tem certeza, Bia? Eu me pergunto.

Eu tenho.

— Devo algo a você, agora — digo.

— Deve? O quê?

Eu me viro para ele. Não estamos mais distantes um do outro.

Cruzo as pernas e endireito as costas.

— Pera, uva, maçã ou salada mista?

É bom ver Eric sorrir. Observá-lo se afastar da pilastra e estender a mão para mim. Encontrar caminho para os dedos sob meu cabelo e tocar minha nuca.

Prendo a respiração, sentindo o toque frio na lateral do rosto. Seu hálito de framboesa me envolve quando ele diz:

— Salada mista.

Ele afasta as mechas dos meus ombros, me olhando como se eu fosse a única estrela na noite. Seu toque é tão real. Tão certo, agora que estou ali.

Eu o encontro na metade do caminho.

Salada mista, então. Com gosto de mar, framboesa e cidade vazia.